

investimento credibilidade é o melhor



CARTA MENSAL

Abril de 2021

Carta Mensal | Abr/21 | "Nóis" enverga, mas... "num" quebra!

No escritório, em um dia desses, na pouca movimentada Itaim Bibi, me peguei perguntando: Como se preparar para um mundo cada vez mais “desafiador” em todos os sentidos? Apenas sendo resiliente, como diz “modistas” de plantão? Como se manter confiante diante de um cenário que vivemos onde há dúvidas das mais variadas. Pois é... Tudo isso passava pela minha cabeça. Pode até parecer um pouco abstrato para alguns tais pensamentos e sensações, mas uma coisa para mim é certa: Temos vivido cada vez mais situações que nos exigem enorme capacidade de se reinventar para assim alcançar objetivos comuns a cada um de nós nos dias atuais: “viver e sobreviver”! Uma reprogramação total de “mind set” se faz necessário? Sim e precisamos também cada vez mais nos posicionar sobre questões como essas citadas. Afinal “lives matter, right?”. Sim e muito. Logo, penso eu, precisamos deixar de ser “meros espectadores” e nos tornar “atores principais”, nos engajando e fazendo nossa parte, dia após dia. Colaborando assim para criar um ambiente menos inóspito, e ajudar a “pavimentar o terreno” que queremos para nós e para o nosso país. Passou da hora de adquirirmos consciência plena sobre tudo que nos envolve. A realidade vivida nos mostra que cada vez mais temos que ser como as “varas de marmelo e os bambuzais”, que não sucumbem nem mesmo aos mais intensos vendavais... que se envergam, mas não quebram. E foi assim que a aspereza da vida “forjou” a maioria de nós. Há um antigo provérbio africano, que diz: “O vento nunca quebra uma árvore que se dobra”. E o Brasil e o brasileiro é mais que uma simples árvore que se dobra. Somos árvores com raiz forte, enfiados sob rica terra. Deixa ventar, o céu fechar e novas tempestades surgirem... seguiremos. Assim é o espírito do “verdadeiro brasileiro”, que luta, adoece, se entristece e renasce... que muitas vezes até enverga, mas por incrível que pareça, não quebra. Reflitamos todos nós, e vamos em frente, porque dizem que atrás sempre vem gente! E parado não podemos ficar.

Feita a costumeira introdução, partiremos agora para fatos que nortearam esse quarto mês de 2021 mundo afora. No Brasil, como de costume, assuntos dos mais variados. Em 06 de abril, o governo federal deu início a nova rodada de pagamento do auxílio emergencial, que serão pagos até agosto, e com previsão de chegar às mãos de mais de 45 milhões de brasileiros. Um novo sopro de alento às famílias brasileiras e de alguma forma, à combatida economia local. Por outro lado, o início do mês também foi marcado pelo imbróglio na votação do Orçamento da União, e preocupações em torno deste tema consumiu horas e horas de discussões de muitos parlamentares e membros do governo federal. Cada lado pensando como sempre no “próprio umbigo”! Nove fora e depois de muito jogo de empurra, no dia 22 último o Presidente Jair Bolsonaro enfim sancionou, com alguns vetos, o Orçamento de 2021 com cortes em torno de R\$ 30 bilhões. Vários foram os ministérios atingidos. Afinal, emendas e verbas parlamentares precisavam ser contempladas e não poderiam jamais “ficar de fora da festa”. Nem precisamos dizer que a principal preocupação do Governo Federal foi fazer tudo dentro da lei e do controle das contas públicas (leia-se teto de gastos), para evitar qualquer possibilidade de ação de responsabilidade fiscal. E assim foi!

Em destaque ainda, a divulgação do resultado primário do governo do 1º trim. de 2021, que veio melhor do que o esperado. Depois de alguns meses de déficit, o governo registrou R\$ 2,1 bilhões em superávit primário, ou seja, arrecadou mais do que gastou. Apesar de um valor considerado não tão relevante “olhando cenário anual”, foi uma notícia positiva e superou expectativas. Outro ponto que cabe menção, é a tão aclamada “reforma tributária”, que enfim “parece” estar ganhando eco nas alamedas de Brasília. Será mesmo? Torcer e ver para crer. Reforma como essa, o Brasil necessita há muito tempo!

E quem deve ter tido noites intranquilas de sono no decorrer do mês foi o Sr. Roberto Campos Neto, Presidente do Banco Central do Brasil. E três situações certamente o mantém ainda de “olhos bem abertos”: i) a vacinação no Brasil, que vai ditar o ritmo de abertura da economia, ii) o risco de descontrole das contas públicas, e iii) a danada da inflação. E há uma clara interconexão entre esses pontos. Talvez um deles tenha sido “amenizado” pela forma como o orçamento da união fora aprovado. Já os outros, dependem de alguns fatores que vai além de boa vontade e pragmatismo. E embora ele tenha citado recentemente que o “cenário de inflação é temporário, provisório e não estrutural”, este ainda se mostra bastante pressionado no curto prazo, quer seja pelo câmbio, por preços das commodities e até mesmo pelos preços administrados. No grupo do “IGP-M”



(Índice Geral de Preços do Mercado)¹, formado por IPA, IPC e INCC, alguns destes até podem perder tração nos próximos meses face efeitos sazonais, mas o acumulado de 12 meses continua em patamar elevado, chegando próximos a 32%. E digamos, não é pouca coisa! A título de curiosidade, em abril de 2020, o índice acumulava alta de 6,68% em 12 meses. Dito isso, dois outros acontecimentos também cabem destaques. O Exmo. Procurador Geral da República, Sr. Augusto Aras, considerou que o projeto de autonomia do Banco Central aprovado dias desses é inconstitucional. Justo agora que o projeto já estava sendo implementado, deve voltar a ser apreciado pelos ministros do STF. Daí o que virá, nem Rui Barbosa², nosso “águia de haia” deve fazer ideia.

O outro fato ocorrido, foi a instauração da CPI da Pandemia e a definição dos parlamentares que irão comandá-las, incluído aí seu presidente e relator. Tal CPI “irá investigar” as ações do Governo Federal e o uso de verbas federais no combate a pandemia do COVID-19. O desdobramento e desfecho de onde chegará essa comissão saberemos apenas mais adiante. Apostem suas fichas! “Vai na roleta ou no bacará...” como diz um trecho de um antigo samba enredo carioca.

E falando de COVID-19, no Brasil os números da pandemia ainda continuam incertos no que tange a redução ou ampliação do quadro. A média de doses aplicadas diariamente pelo Brasil esta acima de 900 mil, o que garante que grande parte do grupo de risco estará vacinado com as duas doses da vacina até o final de junho. Porém, a preocupação com uma terceira nova onda ou até mesmo novas cepas do vírus continuam no radar. Fica sempre nossa torcida para que a vacinação se estenda amplamente por todo território nacional o quanto antes.

No front econômico, o ministro Paulo Guedes, sempre de olho em sua agenda neoliberal, divulgou a intenção de implantar um novo programa para trabalhadores informais. Batizado inicialmente de BIP (Bônus de Inclusão Produtiva), o programa prevê atender 40 milhões de “trabalhadores invisíveis que foram excluídos do mercado de trabalho formal face uma legislação obsoleta”, como ele mesmo denomina. Maiores detalhes a respeito e o tempo para implantação ainda dependem de variáveis e condições que ainda não foram “combinadas com os russos”. Outro dado importante, foi a divulgação da criação de mais de 184 mil novos empregos formais em março, conforme dados do novo CAGED³, predominantemente no setor de serviços, um dos mais afetados pela crise de pandemia. Fora registrado aumento de trabalho formal em 23 das 27 unidades da Federação. No acumulado do ano registra-se saldo positivo de mais de 837 mil novos empregos gerados. Fato a ser comemorado (e muito...) por toda equipe econômica, e claro, pelo Palácio do Planalto.

Adentrando mais diretamente a temas pertinentes e que envolve a gestão dos nossos fundos, trazemos aqui alguns dados e panoramas voltados ao “mundo agro”. Em levantamento efetuado com dados até março de 21, o VBP (Valor Bruto de Produção) da atividade agropecuária deve atingir a casa de mais de R\$1,1 trilhão em 2021, alta de 15% em comparação a 2020. Já o VBP agrícola, também importante força motriz do nosso PIB, deve alcançar cifras ao redor de R\$ 780 bilhões. Resultado de uma combinação positiva de fatores que envolve aumento de área plantada, alta dos preços no mercado internacional das principais commodities e contínuos ganhos em produtividade. E ainda, segundo estimativas preliminares, pela primeira vez na história a produção de grãos deve superar 270 milhões de toneladas. Logo, estima-se que o faturamento do milho e da soja devam crescer em torno de 32% e 34%, respectivamente. Em 2020, ambas commodities representaram juntas R\$ 265 bilhões em faturamento do VBP agrícola. Somos de fato um dos principais celeiros do mundo! E a título de informação, a indústria de fertilizantes prevê demanda recorde para o corrente ano. Expectativas dão conta de que o Brasil supere pela 1ª vez a marca de 40 milhões de toneladas

¹IGP : IPA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo – Peso 60%); IPC (Índice de Preços ao Consumidor, peso 30%); INCC (Índice Nacional de Custos de Construção, peso 10%).

²Rui Barbosa (1849-1923) foi um político, diplomata, advogado e jurista brasileiro. Representou o Brasil na Conferência de Haia e foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, e presidente entre 1908 e 1919. Patrono dos advogados brasileiros.

³Novo CAGED : Estatísticas Mensais do Emprego Formal vinculado ao Ministério da Economia.

em vendas. E conforme levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a área plantada com soja no Brasil aumentou 3,4% entre a safra 2019/20 e a 2020/21, chegando a 38,2 milhões de hectares. Realmente, as dimensões do agronegócio em nosso país se superam a cada safra!

Já o mercado de FIDC's, outra forte vertente da Brave Asset, cresce há a algum tempo e se torna uma das principais alternativas ao crédito privado. A disseminação e modernização do produto, e o melhor entendimento dos mecanismos de funcionamento, tem a cada dia tornado essa opção um interessante instrumento para obtenção de recursos. Além de que, cada vez mais as taxas e condições de mercado praticados neste tipo de estrutura, tem facultado ofertas competitivas, tornando-se de fato um veículo oportuno e relevante "fora daquele crédito tradicional". Assim sendo, os FIDC's possuem campo aberto para se consolidarem ainda mais em 2021 e anos seguintes. Os pós-testes de estresses sofridos como a greve de caminhoneiros ocorrida em maio de 18 e a própria Pandemia de COVID-19, que afetaram diretamente várias atividades industriais do país, corroboram para reforçar a tese de resiliência e força deste "tipo de veículo".

E ainda, segundo informações recentes da ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais), o PL total dos FIDC's em circulação está próximo dos R\$ 210 bilhões, sendo que no acumulado de 12 meses, a captação líquida foi de R\$ 15,6 bilhões. Todos esses fatores, combinados ainda com cenário de alta nos juros futuros, também reforçam nosso ponto de vista em relação ao crescimento deste tipo de investimento.

Virando o holofote para os acontecimentos do "mundo estrangeiro", comentaremos sobre alguns dos fatos que nortearam o mês.

Divulgado no início de abril, o payroll americano surpreendeu positivamente o mercado com a criação de 916 mil empregos no mês anterior, acima do teto da previsão dos analistas, que apontava geração de 700 mil vagas. A taxa de desemprego caiu para 6% (ante 6,2% de fevereiro), dentro do consenso local. Além disso, foram revisados os números de postos de trabalho criados em fevereiro que passou de 379 mil para 468 mil. Sinais de bons ventos na maior economia do planeta! E as notícias que dão combustível para a economia não pararam por aí, vejamos: i) Batizado com o nome de "Plano da Famílias Americanas", novo pacote fora anunciado pela "White House" em cifras que podem chegar a US\$1,8 Trilhões, financiados em parte por aumento de carga tributária sobre os "mais endinheirados do país", sendo que US\$ 800 bilhões viriam de cortes de impostos da "classe trabalhadora", ii) o PIB americano teve alta de 6,4% no 1º trimestre/21, ficando acima da mediana das expectativas, com atividade econômica ganhando tração a medida que a vacinação é ampliada, e iii) Em decisão unânime, o FED (Federal Reserve) em sua 3ª reunião do ano, manteve a taxa básica de juros entre 0 e 0,25%, deixando claro que a inflação nos EUA não o preocupa por ora, e por último iv) O PMI (Índice Gerente de Compras Composto) que engloba setores industriais e serviços no país foi a nível recorde batendo a casa dos 62,2. Fica assim evidenciado que a atividade vem se expandindo em ritmo maior.

No "mundo europeu", o ambiente vem se mostrando mais positivo, amenizando em parte o ceticismo que rondava por lá tempos atrás. Apesar dos Bancos Centrais de países desenvolvidos estarem a "priori" mais preocupados com o ritmo de atividade do que com uma eventual alta da inflação, é importante não se perder de vista esse ponto. Pois como sabemos, inflação alta em economias desenvolvidas, gera também desajustes e volatilidades diversas em mercados de países emergentes, como o do Brasil.

Em que pese o índice de desemprego da região do Euro ter vindo pouco acima do esperado, refletindo ainda um mercado de trabalho menos aquecido, o "índice de confiança do investidor" veio acima das expectativas e subiu para o nível mais alto desde agosto de 2018. O ritmo de vacinação, principalmente como vem ocorrendo nos EUA, também corrobora positivamente para isso. Ainda assim, dados de "vendas de varejo" têm contribuído de forma positiva. Na Alemanha, por exemplo, as vendas saltaram 11%, conforme dados recentes divulgados onde setores como calçados, têxtil e vestuário registraram alta em torno de 27% em comparação ao mês anterior. Contudo, o PMI composto alemão, importante indicador que mede atividade econômica, caiu de 57,8 em março para 55,2 no corrente mês, ficando abaixo da expectativa de 56.

Outro dado relevante divulgado em Abril foi o PIB do Reino Unido. Embora abaixo do esperado, teve alta de 0,4% sobre fevereiro, este pode ser um indicativo de expectativas futuras mais promissoras, embora os desafios ainda sejam grandes. O “desconfinamento” iniciado e retomada das exportações para a união europeia corroboram positivamente para esse cenário que se ensaia. Outro assunto que repercutiu nos últimos dias: “O novo acordo comercial Pós-Brexit”. Em pese ainda existir certo clima de desconfiança em relação ao governo britânico, parlamentares europeus apoiaram em peso o novo acordo, colocando assim ponto final em uma discussão em torno de uma negociação que já durava quase 5 anos.

No gigante asiático, o governo chinês repentinamente “subiu o tom da voz” ao dizer que países não deveriam “impor” condições comerciais a “outros países” em que estas sejam menos favoráveis. Recado claro e direto a Washington? Para bom entendedor um pinga é letra, certo? E por falar em condições comerciais, o governo chinês anunciou que deve elevar os impostos de alguns produtos, entre eles o aço. “Dizem” que tal medida é “pano de fundo” para frear o ímpeto das exportações do produto, e assim promover redução na emissão de CO² e “ganhar pontos” com o planeta. Ver para crer! Lembremos ainda que o PIB Chinês, divulgado na 2ª quinzena do mês, foi de crescimento de 18,3% na comparação anual, superando de longe o último trimestre de 2020.

Em relação ao COVID-19, o vírus voltou a impor mais restrições de mobilidades em alguns países asiáticos. Na Índia, as últimas semanas de abril foram marcadas por sucessivos recordes globais de novos casos, chegando à casa de 400 mil contaminações/dia. Segundo especialistas e infectologistas ouvidos, alguns já acreditam que a “quarta onda” de infecções pode estar a caminho. Que Buda, ilustre líder religioso e símbolo deste país, ilumine e proteja essa populosa nação e todo o planeta Terra.

E assim, como de costume, segue nosso “pitaco” (no bom sentido...) sobre cenários e projeções de inflação, PIB, entre outros pontos.

- Na parte inflacionária, verificou-se piora nas estimativas medianas, com a projeção para a inflação medida pelo índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 2021, que fora elevada de 4,87%, em março, para 5,10% agora, o que projeta a SELIC para dezembro para o range entre 5,25% e 5,5% a.a.;
- Grupo como habitação, transportes, combustíveis e serviços também devem continuar pesando e puxando a inflação para cima;
- Expectativa de PIB crescer ao redor de 3%, se ocorrer a retomada gradual da atividade econômica, com elevação do ritmo de vacinações e menor restrições de circulações;
- Algumas matérias primas ainda continuarão pressionando o repasse de preços, com real “sofrendo” mais pressão frente ao dólar;
- Taxa de câmbio, ainda que um exercício hercúleo de se fazer, deve situar-se entre R\$5,35 a R\$ 5,40.

E assim, vamos finalizando mais uma carta mensal. Tentamos deixar aqui como sempre, um viés positivo de esperança em relação a retomada natural e gradual da vida, em todos os sentidos. Sabemos que a confiança de todos nós brasileiros anda em baixa de algum tempo, mas precisamos cada um de nós seguir acreditando, fazendo nossa parte e torcendo para que independente de predileções políticas, “nosso país” entre nos trilhos para valer. Pois como diz um amigo meu de condomínio: “Não é porque não gosto do síndico que vou torcer para o prédio cair.” Vale a reflexão.

E no apagar das luzes, aproveito para contextualizar um pouco mais sobre o que trouxemos no início deste texto, deixando aqui um pequeno trecho de uma música do cantor Lenine* que faz jus ao título desta Carta:

“Em tempos de tempestades, diversas adversidades, Eu me equilíbrio e requebro...É que eu sou tal qual a vara, bamba de bambu-taquara, Eu envergo, mas não quebro”.

“Simbora” que mês que vem tem mais!

Obrigado pela leitura!

O Brave I é um Fundo de Investimento de Multimercado que investe majoritariamente em FIDCs, especificamente em cotas Sêniores e Mezaninos.

O Fundo rendeu 0,46% no mês ou 221% CDI, o que representa CDI + 3,22 a.a., superando o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início. A rentabilidade acumulada desde o início é de 6,30% (213% do CDI). O Patrimônio Líquido (PL) aumentou no mês aproximadamente R\$ 4.2 milhões, fechando com R\$ 103.512 milhões.

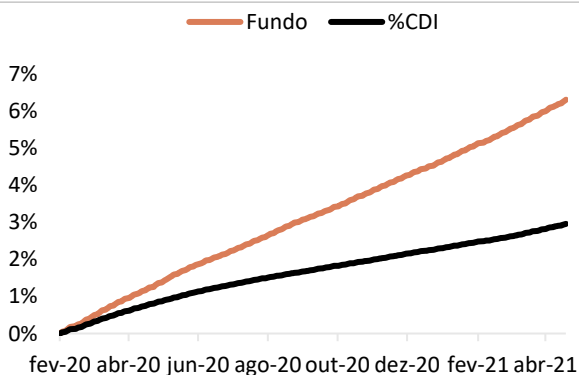
Buscando incrementar a rentabilidade do Fundo, aplicou-se aproximadamente R\$ 4 milhões em 5 ativos diferentes, cotas de FIDCs, cuja a rentabilidade média ponderada é de CDI + 5,6% a.a. A carteira fechou o mês com 14 ativos e com uma posição mantida em caixa em 6% e o índice de liquidez (%PL em até 90 dias) em 57,7%.

O fundo continua com a estratégia de investir em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS. A carteira está alocada 74% em cotas Sêniores e 19% em cotas Mezaninos, resultando em uma subordinação média ponderada de 41% da carteira total, sendo esta uma boa margem de proteção aos ativos investidos. Ressalta-se ainda que a rentabilidade média das cotas subordinadas referente aos FIDCs investidos foi de 3,89% somente em 2021, enquanto o nível de perdas (PDD) é inferior a 1% em relação ao Patrimônio Líquido, o que reforça a tendência de manutenção/crescimento da subordinação média ponderada.

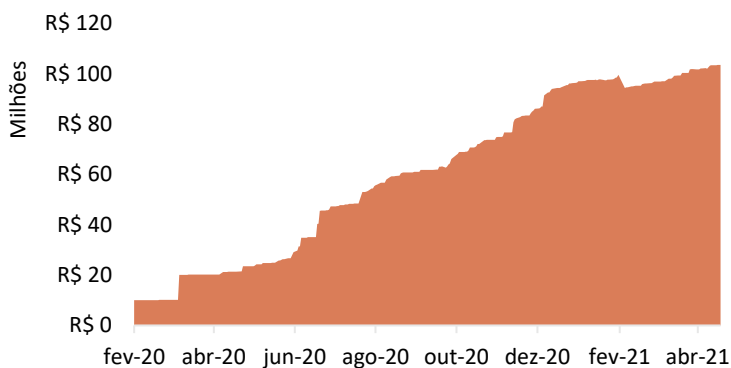
Por fim, a tendência de alta da taxa Selic (previsão Boletim Focus para o fechamento de 2021 é acima de 5% a.a.) é algo que não oferece riscos ao fundo, pois os ativos por ele investido possuem, em sua maioria, a rentabilidade atrelada ao CDI +. Dessa forma, a tendência é que com a subida da taxa Selic, suba também a rentabilidade nominal do Brave I.

EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início
2020	Fundo	-	0,25%	0,53%	0,46%	0,45%	0,38%	0,41%	0,40%	0,37%	0,40%	0,37%	0,40%	4,51%	4,51%
	% CDI	-	154%	156%	160%	189%	181%	209%	249%	234%	255%	251%	246%	201%	201%
2021	Fundo	0,40%	0,36%	0,49%	0,46%									1,72%	6,30%
	% CDI	265%	267%	248%	221%									248%	213%



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



INDICADORES

PL (R\$)	103.512.036
Volatilidade	0,053%
Ind. Sharpe	63,52
Índice de Liquidez	57,7%



2021

O Brave II é um Fundo de Investimentos Multimercado de Crédito Privado. Sua estratégia é investir em FIDCs, notadamente em cotas Subordinadas Jr., Mezaninos e Sêniores, além de outros ativos de crédito.

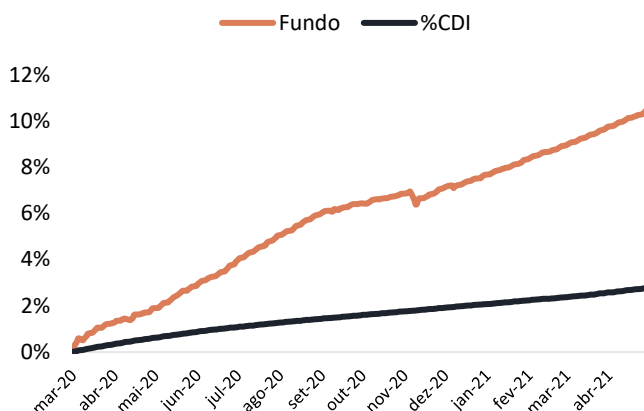
O Fundo rendeu 0,71% no mês ou 341% do CDI, o que representa CDI + 6,5 a.a.. Quanto ao desempenho desde o início do fundo, este foi de 10,48% (378% do CDI), superando o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início. O Patrimônio Líquido (PL) aumentou aproximadamente R\$ 3 milhões, fechando o mês com R\$ 51,8 milhões.

Ressalta-se que a rentabilidade do Fundo foi positivamente influenciada pelo bom desempenho das cotas subordinadas investidas (5 no total) pelo Brave II, dado que estas registraram uma rentabilidade média ponderada de aproximadamente 800% do CDI (CDI +20% a.a.). A carteira ainda é composta por mais 14 ativos. Destaca-se ainda que ao longo do referido mês, na média, a posição mantida em caixa foi de 8% do PL e o indicador de liquidez (%PL em 180 dias) se manteve em bons níveis, fechando o mês em 46,6%.

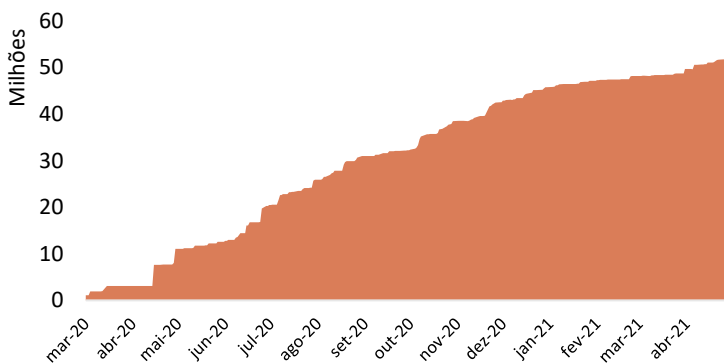
A carteira do fundo está alocada 37% em cotas Sêniores, 29% em cotas Subordinadas, 20% em cotas Mezaninos, 4% em Fundos (FIC FIM) e 1% em CRA. Sua estratégia é voltada para o investimento em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS.

EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início.
2020	Fundo	-	-	1,25%	0,63%	0,92%	1,03%	1,11%	0,88%	0,44%	0,39%	0,22%	0,55%	7,67%	7,67%
	% CDI	-	-	371%	221%	390%	484%	569%	549%	282%	249%	149%	334%	371%	371%
2021	Fundo	0,60%	0,56%	0,72%	0,71%									2,61%	10,48%
	% CDI	400%	414%	364%	341%									377%	377%



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



INDICADORES

PL (R\$)	51.754.171
Volatilidade	0,62%
Ind. Sharpe	12,5
Índice de Liquidez	46,6%



DISCLAIMER

I - Este material não se configura um relatório de análise, conforme a definição da Instrução nº 598/2018 da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), tampouco uma consultoria de valores mobiliários, conforme a definição da Instrução CVM nº 592/2017.

II - Esta mensagem tem conteúdo meramente informativo, não devendo, portanto, ser interpretada como um texto, recomendação de investimento, relatório de acompanhamento, estudo ou análise sobre valores mobiliários e seus emissores que possam auxiliar ou influenciar investidores no processo de tomada de decisão de investimento.

III - Investimentos ou aplicações em títulos e valores mobiliários envolvem riscos, podendo implicar, conforme o caso, na perda parcial ou integral do capital investido ou ainda na necessidade de aporte suplementar de recursos.

IV - A presente publicação e todos seus elementos literais e gráfico constituem uma obra autoral protegida, estando os direitos sobre a mesma reservados.

V - A Brave Asset não será responsável por perdas diretas, indiretas ou lucros cessantes decorrentes da utilização deste material para quaisquer finalidades.

VI - Quaisquer referências e rentabilidades passadas não significam de qualquer forma a garantia ou previsibilidade de rentabilidades futuras.

VII - O Investimento em fundos não é garantido pelo administrador, pelo gestor, por qualquer mecanismo de seguro ou pelo Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Este material não deve ser considerado a única fonte de informação para embasar qualquer decisão de investimento. Dentre outras fontes, ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento, do Formulário de Informações Complementares e da Lâmina de Informações Essenciais, se houver, antes de Investir.

VIII - As opiniões expressas neste material podem ser alteradas sem prévio comunicado e não constituem oferta de compra ou de venda de títulos ou valores mobiliários ou de instrumentos financeiros de qualquer espécie. Por conseguinte, a Brave Asset se isenta de toda e qualquer responsabilidade por eventuais prejuízos decorrentes de decisões tomadas por investidores com base no conteúdo deste material. Para mais informações, acesse: www.braveasset.com.br





Brave Gestora de Recursos Ltda.

Itaim Bibi – SP | Rua Bandeira Paulista, 275, CJ 111

www.braveasset.com.br

Fone: +55 11 2330 0130

Contato: ri@braveasset.com.br

